

1 Introdução

À medida que conhecem novos entes, os Kîsêdjê (Jê do Norte, Terra Indígena Wawi, MT) precisam *decidir* como se referir a eles. Entre esses entes incluem-se, por exemplo, a canoa, o ferro, os gravadores, o combustível, os motores, os carros, tratores e caminhões, o papel, o dinheiro e os projetos, a vitória de um time sobre outro em uma partida de futebol, a aposentadoria rural, a votação em políticos locais e federais, os países, os chinelos de borracha tipo *crocs*, os noruegueses, a escrita etc.

As diversas estratégias linguísticas com que nos deparamos ao estudar essas maneiras de *neonominar* apontam para momentos específicos situados ao longo da história recente de contatos dos Kîsêdjê com outros povos, sobretudo os contatos com os povos alto xinguanos (*khupê wê amtô* ‘estrangeiros-ratos’, cujas casas têm portinhas chistosamente assemelhadas a tocas de rato) e com os brancos (*khupê khá txi* ‘estrangeiros da roupa abundante’).

A natureza diversificada dessas estratégias ao longo do tempo e ao ser aplicadas a diferentes domínios e por diferentes subgrupos tece uma sistemática dinâmica que remete à nomeação dos pontos do território Kîsêdjê (Coelho de Souza 2013). Em ambos casos, a nomeação não é definitiva nem biunívoca, na medida em que está ligada a circunstâncias e nomeadores (indivíduos ou subgrupos) específicos. A nomeação dos novos entes se diferencia da nomeação dos pontos territoriais, entretanto, no que concerne o forte caráter chistoso da primeira e na prevalência de calques fonológicos.

2 Calques fonológicos chistosos

2.1 Ndo ro hwêkê ‘Noruega’

Quando propus o título dessa comunicação, me aconselharam considerar a força pejorativa da palavra ‘peido’. Tratando-se de um programa de pós graduação em *antropologia social*, considerei que seria unânime reconhecer o papel ontológico do peido nos sistemas simbólicos ameríndios.

Embora o chistoso do peido na cara seja talvez um universal antropológico (corrijam-me os especialistas), seu status ontológico entre os Kîsêdjê está representado na narrativa tradicional, *wapãmjê thō ndo ro suhwangê hwêk to khusê ra* ‘aquela em que a sogra ficava peidando na cara do nosso ancestral’.

- (1) wa-pãm-jê thō ndo ro suhwangê hwê-k to khusê-∅ ra
 1.INCL-pai-PL² PART cara em sogra peidar-NMLZ com ficar.PL-NMLZ DET
 ‘aquela em que a sogra ficava peidando na cara do nosso ancestral’

Nessa história, todas as noites, quando um certo homem estava dormindo, sua sogra vinha e lhe desferia na cara peidos muito fedorentos. O homem estava emagrecendo a olhos vistos e um amigo lhe perguntou o que estava acontecendo. Será que ele estava doente? O homem respondeu que não sabia, mas que não achava que estava doente. O amigo se ofereceu então para vigiar o seu sono e descobrir o que estava acontecendo. É assim que o amigo vê que, assim que o homem dormia e começava a roncar, sua sogra se aproximava de sua rede e lhe desferia

² As abreviações de glosagem usadas neste documento são: ∅ = conjunção coordenativa, 1 = primeira pessoa, 3 = terceira pessoa, COP = copula, DET = determinante, DIM = diminutivo, INCL = inclusivo, NFUT = não-futuro, NMLZ = nominalizador, NOM = nominativo, PART = partitivo, PL = plural, POSS = possessivo, SD = sujeitos diferentes, SI = sujeitos idênticos.

na cara uma série de peidos muito fedorentos. No dia seguinte, quando o homem chegou à casa-dos-homens, seu amigo lhe contou o que tinha visto. Eles concluem que é provavelmente por isso que o homem está emagrecendo, e então o homem vai caçar e pescar. Ele volta à casa, deposita suas presas e finge vai dormir. Quando ele está fingindo roncar, sua sogra se aproxima dele e lhe desfere na cara o feixe de fétidas flatulências. O homem resiste imóvel e espera até que a sogra volte para a própria rede, durma e comece a roncar.

- (2) Ø “txii” ne=n Ø-ndo ro ihwê =nhy
 3.NOM “pfff” fazer=Ø.SI 3-cara em peidar =Ø.SD
 Ø “hââ” ne=n Ø-khrô-k mã Ø-kharôtxi-Ø ro no
 3.NOM “argh” fazer=Ø.SI 3-retorcer-NMLZ para 3-fingir-NMLZ em estar.deitado
 ‘Ela peidou na cara dele, “pfff”, e ele gemeu, “argh” e ficou fingindo se retorcer.’ ►
 [KS-20120727-JT-RN-WK-wapamje_tho_ndo_ro...]

Nesse momento, o homem pega uma borduna bem afiada, se aproxima da rede da sogra e enfia a borduna pelo seu cu, empalando-a. No dia seguinte, já está muito tarde e a sogra não levanta da rede. Uma certa hora uma de suas filhas diz a um de seus netos que vão acordar a avó, porque já está ficando muito tarde. É nessa hora que descobrem que a mulher está morta.

Essa é uma história curta, pertencente a um gênero de narrativas engraçadas. Todos os Kîsêdjê já devem ter escutado. Faz sentido, portanto, que quando eles recebem a visita de um norueguês, representante da *Rain Forest Foundation Norway*, que naquele momento era uma das principais financiadoras do Instituto Socioambiental, e se lhes explica que o estrangeiro vinha de um país chamado *Noruega*, tenha ocorrido a alguém propor o calque fonológico chistoso.

- (3) /nɔru'ɛgɐ/ ≈ /ndɔrɔ'hwegɛ/
 Ø-ndo ro Ø-hwê-kê
 3-cara em 3-peidar-NMLZ
 ‘peido/peidar na cara’

Eu não estava com os Kîsêdjê naquele momento, mas ouvi dizer que o estrangeiro muito se orgulhou do seu nome indígena, e talvez nunca tenha sabido o que queria dizer.

2.2 Outros calques fonológicos chistosos

2.2.1 Nomes de cidade

Os Kîsêdjê são conhecidos por falarem inteiramente na língua. Em um documentário indígena que assisti, e cujo título infelizmente não consigo recuperar, um homem Ikpeng fazia um comentário a esse respeito em uma reunião com outros Ikpeng. Esse hábito dos Kîsêdjê lhes possibilita conversar na frente de estrangeiros sem dar-lhes pista alguma sobre o assunto de que estão tratando. No documentário, o homem comentava justamente que dado o fato de os Ikpeng emprestarem palavras do português diretamente, com pouca ou nenhuma adaptação fonológica, então qualquer estrangeiro que esteja presente pode através dessas palavras entender o assunto de que se trata.

Os Kîsêdjê apreciam esse fato, e sempre estão buscando, coletivamente, maneiras adequadas de nomear na língua. As cidades do entorno, por exemplo, todas têm nome na língua. Vários desses nomes são calques fonológicos, de maior ou menor chistosidade:

- (4) a. /kaska'lerɐ/ ≈ /k^hɾatk^hʔ'ðʒeɾe/
 Ø-khrat khá jêrê
 3-começo cobertura pendurar.NMLZ
 'Ribeirão Cascalheira' (lit. pendurar a bermuda)
- b. /kɛ'rēsiv/ ≈ /k^hɾɛɛ'tʃi/
 khrerêtxi
 pássaro.sp
 'Querência' (lit. nome de um pássaro)
- c. /kana'rēnɐ/ ≈ /k^hahɾə'k^hɾɛ/
 khahrã khrã
 tracajá cabeça
 'Canarana' (lit. cabeça de tracajá)

Multiplicidade de nomes de lugar Canarana tem um outro nome, *khahrã ndo* 'olho de tracajá'. Pessoas diferentes deram esses nomes, mas ambos são compreendidos e usados por diferentes grupos de pessoas. A coexistência de múltiplos nomes para um mesmo referente é corriqueira. Coelho de Souza (2013) menciona um local que era tradicionalmente conhecido como *Rop hwĩkhá kapaj tá* 'lugar onde se tirou a canoa da onça' (5), em referência a um evento que aconteceu lá faz muito tempo, mas que atualmente foi renomeado como *Ngrwatxikhô* 'lugar onde tem buritis altos'. Ambos nomes são usados simultaneamente.

- (5) rop hwĩkhá kapa-j tá
 onça canoa tirar-NMLZ lugar
 'Lugar de onde se tirou a canoa da onça'

2.2.2 Burocracia estatal

Nas suas reuniões comunitárias, os Kĩsêdjê se vêem frequentemente deparados com termos do português que correspondem a papéis e conceitos novos. Para alguns desses eles criaram calques fonológicos na língua:

- (6) a. /awtori'za/ ≈ /atu,ɾik^hɾat^hk^hʔ/
 Aturi khrat khá
 A. começo cobertura
 'autorizar' (lit. bermuda de Aturi)
- b. /sup'lêtʃi/ ≈ /su^hk^hɛnɛ/
 sukêne
 homoplata
 'suplente'
- c. /ʒuf,tʃifi'ka/ ≈ /dʒũn,tʃih^wi'k^hʔ/
 juntxi hwĩkhá
 beijaflor veículo
 'justificar (voto)' (lit. veículo do beija flor)

- d. /kõ'seʎv/ ≈ /kõn'sere/
 kōn sêê
 joelhe queimar.NMLZ
 ‘conselho’ (lit. joelho queimado)

2.2.3 Outros conceitos novos

O futebol, esporte mais importante entre os povos indígenas brasileiros, também vem carregado de conceitos novos, alguns dos quais foram adaptados na forma de calques:

- (7) a. /toh'se/ ≈ /tʰɔ'se/
 Corínthians mã tho sê
 C. para 3.com amarrar
 ‘Ele(a) torce para o Corínthians’ (lit. Ele amarra com alguma coisa para o Corínthians)
- b. /prɔhɔga'sẽw/ ≈ /m̃bɾɔkʰɾɛgasõnõ/
 mbro khre kasõno
 brasa miolo mingau
 ‘prorrogação’ (lit. mingau de miolo de brasa)

Uma palavra muito importante no domínio do futebol consitui um dos poucos empréstimos que sofreram apenas adaptação fonológica, não correspondendo a nenhum significado literal na língua:

- (8) Corínthians =ta tho kxanhongõ
 C. =NOM 3.em ganhar
 ‘O Corínthians ganhou.’

Pode parecer que a adaptação do verbo ‘ganhar’ não é necessário dada a pre-existência de provas competitivas como a corrida de toras. Na corrida de toras, entretanto, o verbo usado não tem um significado abstrato, mas sim espacial:

- (9) Ø aj tho s-akre-n ndo ta
 3.NOM PL 3.em 3-passar-NMLZ em estar
 ‘Eles estavam ganhando delas’ (lit. Eles estavam passando delas)
 [KS-20091130-RN-KS-khwe_pyjpy_sindo-KW.tris]

No futebol, a vitória é um conceito mais abstrato. O time que ganhou podia estar perdendo no final. Tudo depende da contagem dos pontos. Essa adaptação do verbo ‘ganhar’, *kxanhongõ*, também é o verbo que estava sendo usado nas conversas sobre eleições de representantes.

Outro domínio em que a abstração de um conceito pré-existente mereceu um novo item lexical foi a venda. Embora a troca de itens pre-exista ao hábito de os trocar por dinheiro, este último tipo de troca é específico e importante o suficiente:

- (10) /vẽ'de/ ≈ /hʷĩ'te/
 tá ro hwĩ tê
 algo com árvore amarrar
 ‘Ele(a) vendeu algo’ (lit. amarrar a árvore com algo)

E uma das mercadorias que mais interessa comprar com o dinheiro obtido através de vendas também recebeu um calque fonológico:

- (11) /'tabletʃɪ/ ≈ /sambɾek'tʃi/
 sambrêktxi
peixe.sp
 'tablet'

3 Pareamento fonossemântico

Os neologismos que apresentei acima 'pegaram' em parte pela sua semelhança com o termo equivalente em português e em parte por conta do seu caráter chistoso. O chiste é causado pela desconexão entre o significado literal das expressões e o uso idiomático que vem a receber. Esse processo de formação de palavras, pelo que eu sei, é bastante raro.

Um tipo de processo aparentado com o que vimos acima, e mais comumente descritos nas línguas do mundo, é o pareamento fonossemântico. Consiste em buscar uma expressão que exiba ao mesmo tempo uma correspondência sonora e uma correspondência semântica com o termo original. Esse processo é muito usado na formação dos neologismos em Chinês.

- (12) a. <威而钢> wēiérgāng ≈ /vaj'ægɾə/ <viagra>
 威 而 钢
 poderoso & duro
 'viagra'³ (lit. duro e poderoso)
- b. <万维网> wànwéiwǎng ≈ www
 万 维 网
 inumerável manter rede
 'www' (lit. rede inúmerável mantenedora)
- c. <声纳> shēngnà ≈ /'sownaɾ/ <sonar>
 声 纳
 som receber
 'Sonar' (lit. receptor de som)
- d. <黑客> hēikè ≈ <'hækə> <hacker>
 黑 客
 sinistro visitante
 'Hacker' (lit. visitante sinistro)

Encontrei alguns neologismos em Kísêdjê que buscam um pareamento semântica além do pareamento fonológico. O chiste também caracteriza algumas dessas construções, como 'aposentado':

³ Exemplos retirados de https://en.wikipedia.org/wiki/Phono-semantic_matching e analisados com informação lexical obtida em <http://www.mdbg.net>.

- (13) /apuzê'tad̥/ ≈ /apute'ntoro/
 Apu tê ntô-rô
 A. nó pendurar-NMLZ
 'aposentado' (lit. 'alguém que pendurou a rede de Apu)

Essa expressão já se encontra tão fixa que flexiona regularmente:

- (14) Hên wa arâ i-tê ntô
 NFUT 1.NOM já 1-nó pendurar
 'Eu já me aposentei.' (lit. Eu já pendurei minha rede)

A aposentadoria é um direito civil que os Kĩsêdjê adquiriram ao decidir se integrar com a burocracia estatal. Outro direito, bastante em pauta durante a última eleição, é o de escolher seus representantes. A expressão com que eles denominam o ato de votar consegue um grau de semelhança conceitual:

- (15) /vɔ'ta/ ≈ /hɔ'tʷa/
 Mê =ra hwêtri Marina mã ho twa
 pessoal =NOM todos M. para bambu dente.NMLZ
 'O pessoal votou todos em Marina.' (lit. ponta de flexa para Marina)

Entre os vários grupos étnicos com que os Kĩsêdjê entraram em contato na sua história recente, destacam-se pela sua presença massiva nas fazendas e cidades no entorno os gaúchos, denominados na língua por uma expressão ao mesmo tempo descritivamente precisa e chistosa:

- (16) /ga'uf̥/ ≈ /kahot'tʰu/
 kahot thu
 cheio inchado
 'gaúcho' (lit. [barriga] cheia e inchada)

No corpus coletado por Coelho de Souza (2013), a maioria das denominação geográficas faz referência a um recurso animal ou vegetal abundante ou que seja costume extrair em um local. O lugar onde Orlando e Cláudio Villas-Boas encontraram os Kĩsêdjê pela primeira vez, por exemplo, é atualmente chamado de *Ngrwatxi khô* 'Buritizal' (Coelho de Souza 2013).

A expressão comumente usada para referir-se à Brasília segue esse modelo, além de soar como o nome da cidade em português. Note que, ao contrário do que eu achava antes de perguntar, não havia uma plantação de melancias em Brasília antes da chegada dos não-índios à região.

- (17) /bra'zilja/ ≈ /wara'sikʰɔ/
 warasi khrô
 melancia coletivo
 'Brasília' (lit. melancial)

Khrô é o coletivo de plantas que crescem juntas e *khô* é o coletivo de plantas que crescem separadas (Coelho de Souza 2013).

Os Kĩsêdjê são de fato tão receptivos à incorporação de novos termos ao vocabulário da sua língua que eu consegui com algum sucesso propor um nome para outra capital brasileira,

tentando seguir o modelo de nomes geográficos que são nomeados com relação a um 'dono', como o *Khumdu ho nho ngô* 'Água/rio da arraia' ou *Hore nho ngô* 'Água/rio da taquara':

- (18) Janaru nho ngô
 J. POSS água
 'Rio de Janeiro' (lit. Rio de Janaru)

4 Extensão de significado

Os processos de nomeação apresentados nas sessões anteriores são parasíticos da fluência em português que a maioria dos Kísêdjê alcançou. Apenas muito recentemente foi que os Kísêdjê alcançaram tal fluência, tendo entrado em contato permanente com os brasileiros falantes de português somente na segunda metade do século XX. Antes disso, no seu contato com outros povos indígenas, o processo mais comum para formação de novos itens lexicais era a extensão do significado dos itens existentes.

Um primeiro item que foi bastante extendido foi a palavra *khupê*. Nas narrativas tradicionais, esse termo é usado para referir-se a estrangeiros e monstros:

- (19) a. *khupê hwa ry*
 estrangeiro braço comprido
 'Monstro do braço comprido'
- b. *khupê hwĩ-re*
 estrangeiro pequeno-DIM
 'Anõezinhos'

Ao chegar à bacia do Rio Xingu, talvez no século XIX (Coelho de Souza 2013), os Kísêdjê entraram em contatos (pacíficos ou não) com diversos povos novos, que eles também nomearam com expressões que tinham por núcleo a palavra *khupê*:

- (20) a. *khupê wê amtô*
 estrangeiro COP rato
 'alto-xinguanos' (lit. estrangeiro-rato)
- b. *khupê wyti*
 estrangeiro único
 'Kawaiweté/Kayabi' (lit. estrangeiro solitário)

Mais tarde, ao conhecer os brancos, também usaram o núcleo *khupê* na sua denominação:

- (21) *khupê khá txi*
 estrangeiro roupa muito
 'não-índio' (lit. estrangeiro da roupa abundante)

Atualmente, o termo *khupê* foi generalizado enquanto denominação dos povos indígenas, em oposição aos não-índios. A expressão em (22) é usada quando os Kísêdjê estão falando de ações que tomariam juntos com outros índios não-Kísêdjê. Nesse uso, o sentido original da palavra está completamente ausente.

- (22) wa-wê khupê
 1.INCL-COP estrangeiro
 ‘nós índios’ (lit. nós estrangeiros)

4.1 Tecnologia

Foi com os alto-xinguanos que os Kîsêdjê adquiriram as tecnologias da rede de dormir e da roupa, e os nomes desses entes registram essa história:

- (23) a. khupê khá
 estrangeiro cobertura
 ‘roupa’ (lit. cobertura do estrangeiro)
- b. khupê tê → kwêê
 khupê tê
 estrangeiro nó
 ‘rede’ (lit. nó do estrangeiro)

As expressões em (23a) e (23b) só são usadas quando o dono da roupa e ou da rede não está em questão. O possuidor substitui a palavra *khupê* nessas expressões:

- (24) a. a-khá
 2-cobertura
 ‘tua roupa’ (lit. tua cobertura)
- b. a-tê
 2-nó
 ‘tua rede’ (lit. teu nó)

Apenas o contexto permite distinguir entre o sentido literal e o sentido neológico de (24a) e (24b). A ambiguidade me parece tanto mais desconcertante na medida em que *khá* ‘cobertura’ também significa *pele* (ou, no caso de plantas e animais, *couro* e *casca*). Quando chamei a atenção do meu consultor para o meu desconcerto, ele não pareceu achar a ambiguidade nada de mais, e quando lhe propus a situação hipotética em que eu lhe falasse por telefone (e portanto não pudesse usar os recursos desambiguadores de apontar para a minha própria pele ou roupa), ele me sugeriu que seria possível usar orações relativas para desambiguar. Não tomei nota da exata formulação que ele me propôs, mas lembro que era algo como:

- (25) a. i-nhi khá
 1-carne cobertura
 ‘Minha pele’ (lit. cobertura da minha carne)
- b. i-khá jatá-rá txi ra
 1-cobertura colocar-NMLZ AUM DET
 ‘Minha roupa’ (lit. cobertura que eu coloquei)

Máquinas de deslocamento O nome genérico *khá* também é usado no neologismo cunhado para referir-se à tecnologia da canoa, que os Kîsêdjê aprenderam a usar e construir com os Alto-xinguanos:

- (26) hwĩ khá
 árvore cobertura
 ‘canoa’ (lit. casca de árvore)

O sentido da expressão *hwĩ khá* viria a ser esticado aos seus limites, podendo ser usado para referir-se não apenas às canoas tradicionais feitas de casca de árvore, mas a qualquer tipo de embarcação. Finalmente, o termo adquiriu o sentido mais amplo de ‘veículo’, sendo usado sem qualificações sempre que o contexto permite entender a sua referência, e podendo ser especificado na forma de expressões fixas no léxico:

- (27) a. mbajsy hwĩkhá
 caranguejo veículo
 ‘bicicleta’ (lit. veículo do caranguejo)
- b. khyj wê hwĩkhá
 alto de veículo
 ‘avião’ (lit. veículo de cima)
- c. ngô khôt hwĩkhá
 água ao.longo veículo
 ‘canoa’ (lit. veículo da água)
- d. hwykha khôt hwĩkhá
 terra ao.longo veículo
 ‘carro’ (lit. veículo da terra)

Metal Outro item altamente produtivo na formação de neologismos tecnológicos é a palavra *khryt* ‘metal’ talvez relacionada à raiz *khry* ‘estar.frio’. A relação parece óbvia, mas o sufixo *-t* por meio do qual a primeira palavra derivaria da segunda, apesar de ser um sufixo de nominalização usado para certas raízes, não é o sufixo de nominalização específico que se aplica à raiz *khry* ‘frio’ na sincronia da língua (no caso, o morfema nulo). Essa realidade, entretanto, seria compatível com a hipótese de que se trata de uma derivação histórica, fazendo uso de uma morfologia não produtiva na sincronia da língua.

- (28) a. khryt twa
 metal dente
 ‘anzol’ (lit. dente de metal)
- b. khryt to kuhu tá
 metal com enrolar.NMLZ coisa
 ‘arame’ (lit. coisa enrolada de metal)
- c. khryt txi
 metal AUM
 ‘facão’ (lit. metal grande)

- d. khryt tê
metal nó
'anzol' (lit. nó/linha do metal)
- e. khryt sî
metal DIM
'faca' (lit. metal pequeno)
- f. ndo hwê khryry
olho COP metal
'óculos' (lit. olhos que são metal)
- g. khryt ho
metal plano
'machado' (lit. metal plano)
- h. khryt rē
metal lançar.PL
'pescar com anzol' (lit. ficar lançando metal)
- i. khryt kapêrē
metal falar.NMLZ
'rádio para comunicação' (lit. metal que fala)

Hoje em dia, a palavra *khryt* foi generalizada para referir-se a qualquer máquina.

4.2 Novas terras, novos costumes

Inovações femininas Apesar de 'casa dos homens' em *kîsêdjê* ser *ngá* e de a comunidade estar efetivamente chamando de 'casa das mulheres' (quando falam em português) a réplica de casa dos homens que as mulheres ergueram ao seu lado, quando eu comentei na casa dos homens sobre a novidosa construção do *mendijê nho ngá* (literalmente, *ngá* das mulheres), houve protestos e sugestões hesitantes de como deveria se chamar na língua. Uma das que ainda lembro foi *mendijê táhwên tá* 'local de trabalho das mulheres'.

- (29) a. #mendijê nho ngá
mulheres POSS NGÁ
'Casa das mulheres'
- b. mendijê táhwê-n tá
mulheres trabalhar-NMLZ lugar
'Lugar de trabalho das mulheres'

Conclusão: por mais que os *Kîsêdjê* sejam inventivos na criação de novos termos para nomear novos objetos, eles não estão por isso menos sensíveis às relações entre os termos usados na nomeação e às implicações que o seu uso acarreta.

Questões fundiárias Palavra que originalmente designava apenas o solo *hwyka tyktxi* 'terra preta', *hwyka kambrêkê* 'terra vermelha', o termo agora também designa 'território', recebendo morfologia de posse, como em *wanho hwyka* 'nossa terra' (Coelho de Souza 2015).

- (30) wa-nho hwyka
 1.INCL-POSS terra
 ‘Nossa terra’

Estados Unidos Os Kîsêdjê deram a Anthony Seeger o nome tradicional de *Ntykatxi*. Os Estados Unidos ficaram por extensão conhecidos como *Ntykatxi patá* ‘aldeia de Ntykatxi’. Presenciei uma explicação dada por um homem à sua família com respeito a esse neologismo. A questão é que o neologismo a princípio dá a entender que os Estados Unidos são uma única cidade, a qual era possivelmente uma impressão inicial dos Kîsêdjê. O homem explicava à sua família que na verdade *Ntykatxi patá* é um país (*hwyka* ‘terra’), grande como o Brasil, dentro do qual há múltiplas cidades (*patá*). Isso ele explicava pra que entendessem que, apesar de eu também morar nos Estados Unidos, eu não morava na cidade mesmo de Anthony Seeger.

- (31) Ntykatxi patá
 Seeger cidade
 ‘Estados Unidos’ (lit. cidade de Seeger)

Os americanos ficaram conhecidos como *Ntykatxi khwâji*, parentes (distantes) de *Ntykatxi* e os índios americanos, conhecidos tanto pelos filmes como por uma viagem que um grupo de Kîsêdjê fez há algumas décadas aos Estados Unidos, são denominados *Nhykatxi nho khupê* ‘os estrangeiros/índios (khupê) de Ntykatxi (Anthony Seeger)’.

- (32) a. Ntykatxi khwâji
 Seeger parente
 ‘estadounidense’ (lit. parentes de Seeger)
- b. Ntykatxi nho khupê
 Seeger POSS estrangeiro
 ‘índios dos estados unidos’ (lit. estrangeiro de Seeger)

5 Expressões descritivas

Alguns neologismos são simples descrições de entes físicos. Em alguns, notamos a presença do humor.

- (33) a. Khrã si kanhini
 cabeça osso meleca
 ‘pendrive’ (lit. cérebro)
- b. Ndo hwe-hwe-txi ra
 Olho treme-treme-AUM DET
 ‘computador’ (lit. o que tem olho que treme)
- c. Khrã khâm ngwâji
 Cabeça em panela
 ‘policial/soldado’ (lit. panela na cabeça)

- d. Khĩ jamby ry
Cabelo rabo comprido
'Xavante' (lit. o que tem cabelo com rabo comprido)
- e. Piri hwaj ho hwaj khá
Sapo pé plano pé cobertura
'Crocs' (lit. sapato do sapo cururu)

6 Conclusão

Os Kĩsêdjê, como vimos acima, recorrem a uma variedade de estratégias diferentes para nomear os entes que surgem na vida da comunidade. A partir do momento em que a comunidade se tornou bilíngue em português, se tornaram proeminentes estratégias que se baseavam no calque fonológico de palavras do português. Em alguns desses calques observa-se uma tendência a buscar pareamento semântico, mas a maioria têm um sentido *nonsense*, em que se destaca o chiste da versão kĩsêdjê.

Os neologismos mais antigos, cunhados antes do contato permanente entre os Kĩsêdjê e os falantes de português, se caracterizam pelo esticamento semântico de termos pre-existentes e pela formação de compostos a partir destes, usados sobretudo quando o contexto não permite estabelecer referências inambíguas.

Na denominação de objetos concretos, finalmente, se destaca o uso de construções descritivas, em que o humor é um elemento menos central mas ainda presente.

Referências

- Coelho de Souza, Marcela Stockler (2013). "A vida dos lugares entre os Kĩsêdjê". No prelo.
— (2015). "Dois pequenos problemas com a lei: terra intangível para os Kĩsêdjê (Suyá)". No prelo.